

“SOCIOLOGIA DO CORPO” DE DAVID LE BRETON

“SOCIOLOGY OF THE BODY” BY DAVID LE BRETON

Recebido em: 12/05/2025

Aceito em: 29/10/2025

Publicado em: 03/12/2025

Ana Paula de Sousa Costa¹ 
Universidade Estadual do Piauí

Gabriel Eidelwein Silveira² 
Universidade Federal do Pampa

REFERÊNCIA DA OBRA RESENHADA:

LE BRETON, David. **Sociologia do Corpo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

Palavras-chave: Corpo; Corporeidade; Epistemologia; Sociologia do Corpo.

CREDENCIAIS DO AUTOR E DA OBRA: O autor de “Sociologia do Corpo”, David Le Breton, é um sociólogo e antropólogo francês, professor emérito da Universidade de Strasbourg e membro do *Institut Universitaire de France*, conhecido por suas pesquisas sobre o corpo, adolescência, risco e sensorialidade. A edição de “Sociologia do Corpo”, ora resenhada, conta com 101 páginas, nas quais constam sete capítulos curtos, precedidos de uma introdução que já antecipa os principais temas: a condição corporal, a preocupação social com o corpo, a proposta da sociologia do corpo e os caminhos para seu desenvolvimento. Nos capítulos seguintes, Le Breton explora, inicialmente, a trajetória da sociologia do corpo, passando por uma sociologia implícita e, mais tarde, por uma sociologia ainda em construção. Em seguida, são elaboradas as ambiguidades em torno do conceito de corpo, examinando suas dimensões históricas, culturais e simbólicas. A parte central da obra trata dos fundamentos epistemológicos do campo e investiga como a sociedade contemporânea se estrutura em torno do corpo. Três grandes eixos de pesquisa são apresentados: as práticas e normas corporais (como gestos, técnicas, emoções e inscrições), os imaginários sociais do corpo (como gênero, deficiência, racismo e teorias biológicas), e, por fim, o corpo como reflexo e produto do social, tematizando aparência, controle político, classe social e consumo. O livro se encerra com uma reflexão sobre o papel da sociologia do corpo como campo em construção e seus desafios analíticos.

“Sociologia do Corpo”, de David Le Breton, é uma contribuição fundamental para a teoria e a pesquisa no campo da sociologia contemporânea, apresentando perspectivas essenciais para a compreensão das corporeidades humanas. Nesta resenha, ilustramos as

¹ Professora da Universidade Estadual do Piauí, Picos, PI, Brasil. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Piauí - PPGS/UFPI. E-mail: ana.juris@outlook.com

² Doutor em Sociologia. Professor Adjunto da Universidade Federal do Pampa - Unipampa, Campus São Borja, RS, Brasil. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas (PPGCH/UNIPAMPA); e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Piauí (PPGS/UFPI). E-mail: gabrielsilveira@unipampa.edu.br

potencialidades de proposta teórica lebretoniana para a pesquisa sociológica a partir de três exemplos de estudos contemporâneos que dialogam com sua perspectiva.

Publicada na França no ano de 1992 sob o título original de *La Sociologie du Corps*, “Sociologia do Corpo” se constitui como uma relevante fonte para o estudo das corporeidades humanas como objeto que aloca e condiciona a existência dos indivíduos e através do qual eles desenham e redesenham o meio social em seus aspectos físicos e simbólicos. Nesse sentido, a obra de Le Breton faz um estudo sobre a corporalidade humana enquanto um fenômeno dotado de valores sociais, culturais e simbólicos, os quais fundamentam, delimitam e são o vetor semântico para a (des)construção do mundo, englobando desde as práticas mais sutis no âmbito da intimidade àquelas que abordam imaginários e questões sociais complexas.

Le Breton é professor de Sociologia e Antropologia na Universidade de Estrasburgo, na França. Especializado em antropologia do corpo, exerce posição de protagonismo na academia com estudos tendo por objeto-base de pesquisa o corpo e as corporeidades humanas, com seus estudos sociológicos e antropológicos acerca da temática possuindo influência em todo o mundo. Além da obra sob enfoque aqui, Le Breton se destaca pela publicação de escritos como *Corps et sociétés*, *La sociologie du risque*, *Du silence*, *Conduites à risques*, dentre outros, evidenciando a sua versatilidade na pesquisa e a sua visão poliangular não apenas do corpo enquanto objeto em si mesmo, mas de elementos que coexistem e interagem com ele, o constroem, desconstroem, inventam e reinventam – bem como fornecem subsídios para os corpos performarem no meio em que estão inseridos.

Logo na introdução da sua obra, Le Breton deixa claro: corpo e singularidade são termos que não se coadunam. As corporeidades fazem do corpo um objeto dotado de pluralidades, de nuances múltiplas. Por essa razão, destaca Le Breton, a partir da década de 1960 teóricos como Michel Foucault, Norbert Elias, Pierre Bourdieu, dentre outros, tomaram o corpo como objeto de pesquisa no âmbito das ciências sociais, indo além da visão organicista da biologia.

Le Breton denuncia o absurdo de “nomear o corpo como se fosse um fetiche, isto é, omitindo o homem que o encarna” (Le Breton, 2007, p. 24), tendo em vista que por ser ele uma “falsa evidência, não é um dado inequívoco” (Le Breton, 2007, p. 26), entendido como algo diferente do humano que nele habita. O corpo deve ser compreendido, pondera o autor, a partir dos seus elementos históricos e etnológicos, pois “o corpo é uma realidade mutante de uma sociedade para outra” (Le Breton, 2007, p. 28) e um elemento do imaginário social. Por esta razão, o sociólogo deve, antes de estudar o corpo, questionar qual é o corpo a se estudar, devendo ele “libertar-se do contencioso que faz do corpo um atributo da pessoa” (Le Breton,

2007, p. 32), não podendo o sociólogo desconsiderar os elementos pessoais, sociais e culturais que coexistem paradoxalmente com o corpo, indo além das “vontades de verdade” (Foucault, 1999) pregadas pelas perspectivas organicistas das ciências médicas.

Assim, a obra “Sociologia do Corpo”, de David Le Breton, oferece um instrumental teórico potente para analisar como os corpos são atravessados por normas, valores e representações sociais. Longe de ser uma evidência natural, o corpo é, para o autor, um constructo cultural e simbólico cuja manifestação se dá de formas diversas conforme os contextos históricos, políticos e sensoriais. A seguir, apresentamos três exemplos muito diversos entre si de investigações sócio-antropológicas que dialogam de diferentes maneiras com a proposta lebretoniana e ilustram bastante bem, segundo nossa interpretação, a potencialidade da sociologia do corpo defendida pelo autor: as corporalidades dissidentes no transfeminismo (Nascimento, 2021), as performances linguísticas da comunidade surda (Silveira, 2009) e a experiência audio-táctil-percussiva dos jovens em Quibdó (Triana, 2012).

O primeiro exemplo, as corporalidades dissidentes no transfeminismo, refere-se à obra “Transfeminismo”, escrita por Letícia Nascimento. Iniciando seu texto com a pergunta “e eu não posso ser uma mulher?”, Letícia Nascimento (2021, p. 20), mulher travesti, negra, gorda, pedagoga e atuante como professora na Universidade Federal do Piauí (UFPI) abre caminho para uma reflexão onde o conceito universalista de “mulher” é desconstruído, ressaltando a necessidade de romper “com as ideias essencialistas, carnavalizar as fronteiras entre o biológico e o cultural, entendendo o gênero como performance, como processo de produção dos nossos corpos, do sexo” (Nascimento, 2021, p. 41).

Por essa razão, prossegue a autora, é fundamental o reconhecimento das mulheres nas diversidades das suas corporalidades, as quais são costumeiramente fabricadas por práticas discursivas que as insere em uma perspectiva natural e binária. Neste contexto, as performances corporais representam uma ruptura com as ideias normativas do “CIStema”, na medida em que abandonam a dualidade feminilidades/masculinidades e reelaboram novas formas de ser, de se produzir e de performar o gênero.

Nesse sentido, a obra de Letícia Nascimento exemplifica as questões levantadas por Le Breton ao evidenciar como o corpo não é um dado natural, mas sim uma construção atravessada por discursos, valores e imaginários sociais. Ao questionar o conceito essencialista de “mulher” e propor a ruptura com o “CIStema”, Nascimento opera justamente aquele gesto que Le Breton reivindica ao sociólogo: pensar o corpo para além das evidências aparentes, reconhecendo-o como território simbólico, histórico e mutável.

O corpo, para Le Breton, é concebido como constructo social, uma elaboração simbólica atravessada por valores, representações e práticas culturais, o afastando da ideia de dado natural ou evidência inequívoca. Ao tratar dos “dados epistemológicos” (Le Breton, 2007, p. 32) no terceiro capítulo, o autor destaca que a primeira tarefa do estudioso do corpo é “libertar-se do contencioso que faz do corpo um atributo da pessoa” (Le Breton, 2007, p. 32), rompendo com concepções essencialistas. Essa perspectiva se aprofunda quando Le Breton aborda o segundo grupo dos campos de pesquisa: os imaginários sociais do corpo, vinculados “às representações e aos valores ligados às corporeidades” (Le Breton, 2007, p. 62). Nesse contexto, discorre sobre as “teorias” do corpo, como formas de apropriação do saber pelos atores sociais; critica as abordagens biológicas, especialmente a sociobiologia, por submeterem o corpo à natureza e desconsiderarem o “homem real que vive em dada sociedade, em dado momento” (Le Breton, 2007, p. 64).

Le Breton também analisa a diferença entre os sexos, ressaltando as atribuições socialmente construídas para homens e mulheres, destacando o papel do feminismo na exposição das desigualdades dessa distribuição. Além disso, reflete sobre o corpo como suporte de valores simbólicos, que fragmentam sua unidade; o corpo imaginoso do racismo, produto de classificações que “impõem uma versão reificada do corpo” (Le Breton, 2007, p. 72) e estigmatizam a diferença; e o corpo deficiente, marginalizado pela sociedade ocidental e deslocado para outro lugar – ou para um não-lugar.

Um segundo exemplo de investigação com um diálogo profícuo com a sociologia do corpo lebretoniana é o estudo da cultura surda e da língua de sinais. Defendemos que a abordagem linguística de Pierre Bourdieu, ao ser aplicada ao estudo da cultura surda e da língua de sinais, enriquecer-se-ia do diálogo com a sociologia do corpo de Le Breton, ao reconhecer o corpo como mediador sensível e produtor de linguagem.

O *habitus* linguístico e a linguagem se constituem como objetos, de acordo com a visão de Bourdieu (2008), de uma forma de controle social e simbólico específicos, os quais constroem, desconstroem, incluem e excluem. Logo, entende-se que os usos e desusos da língua não se constituem tão somente como práticas ligadas à aptidão e natureza do indivíduo, mas como objeto da luta travada nos diferentes campos sociais. Dentro dessa lógica, cabe uma reflexão sobre o controle social e político que, por séculos, sob a égide do discurso clínico-terapêutico, inseriu as corporeidades e práticas linguísticas das comunidades surdas em posição de subalternidade (Silveira, 2009). Trata-se, assim, da imposição de um pretenso ideal de normalidade ao conceber o falar e o ouvir como as únicas práticas que propiciam a comunicação

entre os sujeitos, sendo as manifestações e performances linguísticas, por meio de línguas de sinais, práticas produzidas como “socialmente patológicas”.

Na contramão desse viés, a visão socioantropológica toma a língua como uma construção social e cultural decorrente das vivências dos indivíduos (Silveira, 2009), sendo as línguas de sinais concebidas não como manifestações patológicas, mas como práticas oriundas de corpos integrantes de uma comunidade própria, cujas performances linguísticas decorrem das suas formas de conceber e sentir o mundo. Essa perspectiva foi importante, por exemplo, para a institucionalização da Língua Brasileira de Sinais no ano de 2002 pela Lei 10.436, um marco para as lutas da comunidade surda brasileira pela inclusão e reconhecimento da sua língua como um objeto inerente à sua identidade.

O terceiro exemplo selecionado de perspectiva investigativa, na linha da sociologia do corpo lebretoniana, é o estudo de Triana (2012) sobre a sensibilidade percussiva dos jovens em Quibdó (Colômbia). Este estudo teve como objeto a relação entre tecnologia e jovens afrodescendentes de Quibdó, na Colômbia, majoritariamente em situação de pobreza e deslocamento forçado pela violência, cujas formas de expressão privilegiam o corpo, a oralidade e a musicalidade.

Neste estudo, a chamada “cultura percussiva” destaca uma forma de existência e comunicação centrada nos sentidos do tato, da audição e da expressividade corporal, em contraste com os códigos visuais e alfabéticos estruturantes das tecnologias digitais hegemônicas. Os jovens participantes do estudo demonstraram pouca familiaridade com o uso do teclado alfabético e com a abstração escrita, em contraste com sua proficiência nas práticas orais e corporais, evidenciando que o corpo é suporte privilegiado de conhecimento, memória e identidades.

Tal perspectiva rompe com a ideia de um sujeito desincorporado e confirma a tese de Le Breton de que o corpo é uma mediação sensível e cultural do mundo, não apenas uma anatomia funcional. O estudo de Triana (2012), assim, propõe que a inclusão digital deve considerar os modos corporificados de saber e comunicar, desafiando o desenho tecnocultural hegemônico (teclado alfabético como interface) e abrindo espaço para tecnologias sensíveis às epistemologias do corpo (por exemplo, tátil-percussivas).

Nesse horizonte teórico, a concepção de corpo como construção social, proposta por Le Breton, permite compreender os marcadores de gênero, raça, deficiência, linguagem e cultura como operadores de distinção e exclusão simbólica. O autor propõe uma abordagem sociológica do corpo que o concebe como uma construção social atravessada por técnicas, normas,

percepções e marcas simbólicas. Ele analisa as formas como os sujeitos aprendem a usar seus corpos, os modos de expressão corporal inseridos nas interações sociais, os códigos de etiqueta e as emoções mediadas por normas coletivas, discutindo, ainda, como o corpo se torna objeto de investimento social, moldado por aparências, discursos de classe, controle político e práticas de consumo.

Como demonstrado, a obra de Le Breton abre um vasto leque para pensar o corpo e as corporeidades sob diversos prismas, como bem ilustrado pela diversidade entre os três exemplos de investigações selecionadas (acima) nas quais o corpo ocupa a centralidade epistemológica. Trata-se, pois, de uma obra dinâmica e multidisciplinar no mais amplo sentido da palavra, tendo ela o poder de fazer o leitor olhar integralmente para o objeto-corpo com uma perspectiva que consegue emoldurar múltiplas nuances sociais envolvendo-o sem, contudo, lhe retirar do protagonismo da análise.

Le Breton promove diálogos e reflexões partindo do próprio objeto (o corpo), ingressando em outros espaços, mas sempre voltando para o seu protagonista, o que faz da sua obra uma fonte pertinente e indispensável para estudar o corpo e as corporeidades em abordagens diversas. Estas corporeidades são, para o autor, elemento constitutivo e constituído pela vida social, logo, fonte da Sociologia em todos os seus prismas e perspectivas de estudo. Para encerrar, concluímos que “Sociologia do Corpo” é uma obra indispensável para pesquisadores interessados em compreender como os corpos se constituem e são constituídos nas tramas sociais, simbólicas e sensoriais da vida cotidiana. Sua leitura é especialmente recomendada para estudantes desejosos por refletir sobre o lugar do corpo nas questões de gênero, deficiência, racialização, linguagem, tecnologia e práticas culturais, oferecendo ferramentas teóricas e epistemológicas capazes de iluminar contextos diversos com profundidade e sensibilidade.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Linguísticas**. São Paulo: Edusp, 2008.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm Acesso em: 16 abr. 2025.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

SILVEIRA, Flávia Furtado Rainha. **As representações sociais do trabalho dos surdos e a**

construção das suas identidades. 2009. Tese (Doutorado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações) - Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

TRIANA, Yago Quiñones. La cultura percutiva ante la brecha digital. **Revista Argentina de Estudios de Juventud**, La Plata, v. 1, n. 5, 2012. Disponível em: <https://sedici.unlp.edu.ar/handle/10915/41453?show=full>. Acesso em: 12 maio 2025.